

Melanie Gideon

Esposa 22

Tradução de Adalgisa Campos da Silva



Copyright © 2012 Melanie Gideon
Fotografias nas aberturas dos capítulos 43, 45, 53 e 64 de Kerri Arsenault.
© 2012 Kerri Arsenault. Usadas mediante permissão.

Trecho da página 188 retirado de *Lolita*, de Vladimir Nabokov,
traduzido por Jorio Dauster, editora O Globo, 2003.

Trecho da página 374 que se repete na página 385 retirado de *Orgulho e preconceito*,
traduzido por Alexandre Barbosa de Souza, editora Penguin-Companhia, 2011.

TÍTULO ORIGINAL
Wife 22

PREPARAÇÃO
Sheila Louzada

REVISÃO
Isabella Leal
Camila Dias da Cruz

PROJETO GRÁFICO
Simon M. Sullivan

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Editoriarte

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G385e

Gideon, Melanie, 1963-
Esposa 22 / Melanie Gideon ; tradução de Adalgisa
Campos da Silva. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2012.
400p. : 23 cm

Tradução: Wife 22
ISBN 978-85-8057-241-4

1. Ficção americana. I. Silva, Adalgisa Campos da. II. Título.

12-4830. CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

PARA BHR — MARIDO I

“Conecte-se.”

— E. M. FORSTER

Parte 1

29 de abril
17h05

PESQUISA NO GOOGLE: “pálpebra caída”

Aproximadamente 54.300 resultados (0,14 segundo)

Pálpebra Caída: Enciclopédia Médica MedlinePlus

Pálpebra caída é o excesso de flacidez da pálpebra superior (...) As pálpebras caídas podem deixar a pessoa com aspecto sonolento ou cansado.

Pálpebras Caídas... Formas simples de disfarçar

Erga o queixo ao falar. Tente não franzir o cenho, pois isso só aumentará os seus problemas...

Pálpebras caídas... (...) Droopy (...)

Personagem de quadrinhos americano (...) de pálpebras caídas. Sobrenome McPoodle. Bordão... “Sabe de uma coisa? Isso me deixa louco.”

2

Olho no espelho do banheiro e me pergunto por que ninguém me disse que minha pálpebra esquerda formou uma espécie de bolsa. Durante muito tempo aparentei menos idade do que tinha. E agora, de repente, todos os anos se somaram e pareço ter a minha idade — quarenta e quatro, talvez mais. Levanto o excesso de pele com o dedo e dou uma esticada. Existe algum creme que eu possa comprar? Ou uma flexão de pálpebra?

— Qual é o problema com o seu olho?

Peter mete a cabeça no banheiro, e, apesar da irritação por estar sendo espionada, fico feliz de ver o rostinho sardento do meu filho. Aos doze anos, suas necessidades ainda são pequenas e fáceis de satisfazer: waffles Eggo e cuecas Fruit of the Loom — aquelas com elástico de algodão.

— Por que você não me avisou? — pergunto.

Eu dependo de Peter. Somos próximos, principalmente em questões de aparência. Temos um acordo. A responsabilidade dele é o meu cabelo. Ele me avisa quando estou com as raízes aparecendo, para eu poder marcar uma hora com Lisa, minha cabeleireira. E, em troca, a minha responsabilidade é o cheiro dele. Garantir que ele não exale nenhum odor. Por alguma razão, os garotos de doze anos não conseguem sentir o fedor do próprio sôvaco. De manhã ele passa correndo por mim, com o braço levantado, mostrando uma axila para eu poder sentir o cheiro. “Chuveiro”, digo quase sempre. Muito de vez em quando minto e digo “Tranquilo”. Garoto deve ter cheiro de garoto.

— Avisou o quê?

— Sobre a minha pálpebra esquerda.

— O quê? Que ela cai em cima do seu olho?

Solto um gemido.

— Só um pouquinho.

Torno a olhar no espelho.

— Por que você não me disse?

— Bom, e por que você não me contou que Peter era gíria para pênis?

— Mas não é.

— Parece que é sim. Um peter e duas bolas?

— Juro que eu nunca ouvi essa expressão antes.

— Bom, agora você entende por que estou mudando o meu nome para Pedro.

— Desistiu de Frost?

— Isso foi em fevereiro. Quando a gente estava estudando sobre Robert Frost.

— Então agora você mudou de ideia e quer ser Pedro? — pergunto.

Todo o ensino médio, me disseram, gira em torno de experimentar a própria identidade. Como pais, nosso dever é deixar nossos filhos ensaiarem personas diferentes, mas está ficando difícil acompanhar. Frost em um dia, Pedro no outro. Ainda bem que Peter não é EMO, ou será ENO? Não tenho ideia do que EMO/ENO significa — até onde sei, trata-se de uma subseita gótica, uma garotada da pesada que pinta o cabelo de preto e usa lápis de olho, e não, isso não é Peter. Peter é um romântico.

— Tudo bem — digo. — Mas já pensou em Peder? É a versão norueguesa de Peter. Seus amigos poderiam dizer “Quando vamos nos ver, Peder?” Nada rima com Pedro. Tem durex aqui em casa?

Quero puxar a minha pálpebra para cima — ver como ficaria se eu a corrigisse.

— Fadedro — diz Peter. — E eu gosto da sua pálpebra flácida. Deixa você com cara de cachorro.

Meu queixo cai. *Sabe de uma coisa? Isso me deixa louca.*

— Não, parecida com o Jampo — diz ele.

Peter está se referindo ao nosso vira-lata de dois anos, mestiço de spaniel tibetano com sabe-se-lá-o-que-mais: um cachorro de cinco quilos muito nervoso, tipo Mussolini, e que come o próprio cocô. Nojento, sim, mas bem prático, pensando bem. Não precisamos andar carregando sacolas plásticas.

— Larga, Jampo, seu merdinha! — grita Zoe lá de baixo.

Dá para ouvir o cachorro correndo feito um doido no assoalho de madeira, muito provavelmente carregando um rolo de papel higiênico, que, depois de cocô, é sua guloseima favorita. *Jampo* quer dizer *suave* em tibetano, o que, obviamente, acabou sendo o extremo oposto da personalidade dele,

mas eu não me importo. Prefiro um cachorro animado. O último ano e meio foi como ter um bebê em casa de novo, e adorei cada minuto desse período. Jampo é o meu bebê, o terceiro filho que nunca terei.

— Ele precisa sair. Querido, você o leva para passear? Preciso me preparar para hoje à noite.

Peter faz cara feia.

— Por favor...

— Tudo bem.

— Obrigada. Ei, espere aí. Antes que você vá, tem durex aqui em casa?

— Acho que não. Mas eu vi uma fita adesiva na gaveta das coisas inúteis.

Considero a minha pálpebra.

— Mais um favor?

— Qual? — Peter suspira.

— Você traz a fita adesiva depois de passear com o cachorro?

Ele confirma com um aceno de cabeça.

— Você é o meu filho preferido — digo.

— Seu único filho.

— E o melhor em matemática — complemento, dando-lhe um beijo no rosto.

Hoje à noite vou acompanhar William no lançamento da vodca FiG, um trabalho ao qual ele e sua equipe na KKM Advertising vêm se dedicando há semanas. Estou ansiosa. Vai ter música ao vivo. Uma banda nova bem bacana, três mulheres com violinos elétricos dos Adirondacks, ou dos Ozarks — não lembro qual.

“Traje formal”, disse William, então saco o meu velho tailleur vermelho da Ann Taylor. Nos anos 1990, quando eu também trabalhava com publicidade, essa era a minha escolha quando queria arrasar. Visto-o e me olho no espelho de corpo inteiro. O tailleur parece um pouco fora de moda, mas se eu usar o pesado cordão de prata que Nedra me deu de aniversário no ano passado talvez dê para disfarçar. Conheci Nedra Rao há quinze anos, num grupo de atividades infantis “Mamãe e Eu”. Ela é minha melhor amiga e, por acaso, também é uma das melhores advogadas especializadas em divórcios da Califórnia, portanto posso sempre contar com alguns conselhos dela, muito sensatos e muito sofisticados, que custariam quatrocentos e vinte e

cinco dólares a hora, mas que ela me oferece de graça porque me ama. Tento ver o *tailleur* com os olhos de Nedra. Sei exatamente o que ela diria: “Você não pode estar falando sério, querida”, com aquele seu sotaque inglês carregado. Que pena. Não tem mais nada no meu armário que se classifique como “traje formal”. Calço meus sapatos de salto e desço.

Sentada no sofá, com seus longos cabelos castanhos presos num coque desmazelado, está minha filha de quinze anos, Zoe. Ela é vegetariana dia sim dia não (hoje não), defensora ferrenha da reciclagem de lixo e adepta da fabricação artesanal de hidratante para lábios (hortelã com gengibre). Como a maioria das garotas da sua idade, ela também é uma ex-profissional: ex-bailarina, ex-guitarrista e ex-namorada do filho de Nedra, Jude. Jude tem alguma fama por aqui. Conseguiu chegar à fase de Hollywood do *American Idol*, mas foi eliminado por “soar como um eucalipto californiano em chamas, pipocando e chiando e explodindo, mas que no fim das contas era uma espécie não nativa”.

Eu estava torcendo por Jude, todos estávamos, até ele passar pelas duas primeiras eliminatórias. Mas aí, bem diante de Hollywood, a fama instantânea lhe subiu a cabeça, e ele traiu Zoe e depois deu o fora nela, partindo o coração da minha menina. Moral da história? Nunca deixe a sua filha adolescente namorar o filho da sua melhor amiga. Levei meses — quer dizer, Zoe levou meses — para se recuperar. Eu disse coisas horríveis para Nedra; coisas que eu provavelmente não deveria ter dito, algo no gênero de *Eu esperaria mais do filho de uma feminista e de um garoto com duas mães*. Nedra e eu ficamos um tempo sem nos falarmos. Agora estamos bem, mas, sempre que vou à casa dela, Jude, convenientemente, não está por lá.

A mão direita de Zoe se move freneticamente pelo teclado do celular.

— Você vai *assim*? — pergunta ela.

— Qual o problema? É vintage.

Zoe ri com desdém.

— Zoe, meu amor, quer fazer o favor de tirar os olhos dessa coisa? Preciso da sua opinião sincera. — Abro os braços. — Está tão ruim assim?

Zoe inclina a cabeça.

— Depende. Vai estar escuro lá?

Eu suspiro. Há apenas um ano, Zoe e eu éramos muito próximas. Agora ela me trata da mesma forma de que trata o irmão — como um membro da família a ser tolerado. Ajo como se eu não notasse, mas invariavelmente

exagero, tentando ser simpática por nós duas, e aí acabo parecendo uma mistura de Mary Poppins com Truly Scrumptious, de *O calhambeque mágico*.

— Tem uma pizza no congelador, e, por favor, Peter tem que estar na cama às dez. Devemos chegar pouco depois disso — digo.

Zoe continua digitando.

— O papai está esperando você no carro.

Corro pela cozinha procurando a bolsa.

— Divirta-se. E não veja *American Idol* sem mim!

— Já vi no Google o que acontece. Quer saber quem foi eliminado?

— Não! — grito, correndo porta afora.

— Alice Buckle. Há quanto tempo! E como você está incrível! Por que o William não a arrasta mais vezes para esses eventos? Acho que ele está lhe fazendo um favor, não? Mais uma noite, mais um lançamento de vodka. Uma grande chatice, não é mesmo?

Frank Potter, diretor de criação da KKM Advertising, olha discretamente por cima da minha cabeça.

— Você está maravilhosa — diz, os olhos movendo-se rápidos de um lado para outro. Ele acena para alguém lá nos fundos. — Belo tailleur.

Tomo um bom gole de vinho.

— Obrigada.

Vendo quase todas as outras mulheres da sala com blusas transparentes, sandálias de tiras e calças jeans skinny, percebo que “traje formal” na verdade quer dizer “traje sensual”. Pelo menos para essa gente. Todas estão lindas. *Muito* por dentro da tendência do momento. Passo o braço em volta da cintura e seguro a taça de vinho próximo ao queixo, numa tentativa débil de camuflar meu blazer.

— Obrigada, Frank — agradeço, sentindo uma gota de suor escorrer do pescoço para as costas.

Minha reação natural ao me sentir deslocada é suar. A outra é ser repetitiva.

— Obrigada — agradeço de novo. Ai meu Deus, Alice. Três obrigadas?

Ele me dá tapinhas no braço.

— Então, como vão as coisas em casa? Vamos, me conte. Está tudo bem? E as crianças?

— Está todo mundo ótimo.

— Mesmo? — pergunta ele, com uma expressão preocupada.

— Bem, sim, está todo mundo bem.

— Maravilha — diz Frank. — Que bom ouvir isso. E o que você anda fazendo? Ainda dá aulas? Qual era mesmo a matéria?

— Teatro.

— Teatro. Isso mesmo. Deve ser muito... gratificante. Mas também muito estressante, imagino. — Ele abaixa o tom de voz. — Você é uma santa, Alice Buckle. Eu nunca teria paciência.

— Garanto que teria se visse do que essa garotada é capaz. Eles são muito aplicados. Sabe, outro dia mesmo um dos meus alunos...

Frank Potter torna a olhar por cima de mim, ergue as sobrancelhas e acena com a cabeça.

— Alice, me desculpe, mas acho que estão me chamando.

— Ah, claro. Sinto muito. Eu não tinha intenção de segurá-lo aqui. Tenho certeza de que você tem outros...

Ele vem na minha direção e eu me aproximo pensando que ele vai me dar um beijo no rosto, mas em vez disso ele recua, pega a minha mão com firmeza e a aperta.

— Até logo, Alice.

Olho em volta da sala, todo mundo bebendo descontraidamente suas FiGtinis de lichia. Dou uma risadinha como se estivesse me lembrando de alguma coisa engraçada, tentando também parecer descontraída. Onde está o meu marido?

— Frank Potter é um babaca — murmura uma voz no meu ouvido.

Graças a Deus, um rosto amigo. É Kelly Cho, que integra a equipe de criação de William há um bom tempo — bom tempo ao menos na área de publicidade, em que a rotatividade é altíssima. Ela também está de *tailleur*, que nem é muito diferente do meu (lapelas melhores), mas que nela parece ousado. Escolheu botas até o joelho para compor o visual.

— Uau, Kelly, você está incrível — digo.

Kelly faz um gesto de modéstia, rebatendo o meu elogio.

— Então, por que a gente não se vê mais vezes?

— Ah, você sabe. Cruzar a ponte é muita mão de obra. Trânsito. E eu ainda não fico muito à vontade em deixar as crianças sozinhas de noite. Peter acabou de fazer doze anos e Zoe é uma típica adolescente, muito distraída.

— Como vai o trabalho?

— Ótimo. Tirando o fato de eu estar cheia de detalhes para resolver: figurinos, pais questionando tudo, aranhas e porcos que ainda não decoraram as falas. O terceiro ano está montando *A menina e o porquinho*.

Kelly sorri.

— Eu adoro esse livro! O seu trabalho parece tão idílico.

— Parece?

— Ah, sim. Eu adoraria poder fugir dessa competição frenética. Toda noite tem alguma coisa acontecendo. Sei que parece glamoroso: jantares com clientes, camarotes para ver os Giants jogarem, entradas grátis para shows... mas é exaustivo depois de um tempo. Bem, você sabe como é. É uma viúva da publicidade de longa data.

Viúva da publicidade? Eu não sabia que tinha nome para isso. Para *mim*. Mas Kelly tem razão. Considerando todas as viagens e os compromissos sociais de William com os clientes, sou praticamente uma mãe solteira. Com sorte, conseguimos jantar todos juntos poucas vezes por semana.

Olho para a frente e encontro o olhar de William ao longe. Ele vem em nossa direção. É um homem alto, bem-apeesoado, o cabelo escuro ganhando fios brancos só nas têmporas, daquele jeito desafiador que alguns homens têm ao ficarem grisalhos (como que dizendo não estou nem aí para os meus quarenta e sete anos — continuo muito sexy, e o cabelo grisalho só me deixa ainda mais sexy). Sinto uma onda de orgulho enquanto ele atravessa a sala com aquele terno cinza-grafite e aquela camisa de algodão xadrez.

— Onde você comprou essas botas? — pergunto a Kelly.

William se junta a nós.

— Na Bloomingdale's. Então, William, a sua mulher não conhece o termo *viúva da publicidade*. Como é que pode? Quando você a transformou numa delas? — diz Kelly, piscando para mim.

William franze o cenho.

— Eu procurei você por todo canto. Onde andou, Alice?

— Ela estava bem aqui, aguentando o Frank Potter, na verdade — diz Kelly.

— Você estava falando com Frank Potter? — pergunta William, alarmado. — Ele puxou assunto ou foi você?

— Ele — respondo.

— Ele falou de mim? Da campanha?

— Não mencionamos você — digo. — Não foi uma conversa longa, para falar a verdade.

Observo William cerrando a mandíbula. Por que ele está tão estressado? Os clientes estão sorridentes e bêbados. A imprensa compareceu em peso. O lançamento é um sucesso até onde posso ver.

— Podemos ir para casa, Alice? — pergunta William.

— Agora? Mas a banda nem começou. Eu estava louca para ouvir um pouco de música ao vivo.

— Alice, estou cansado. Vamos embora, por favor.

— William!

Um trio de rapazes atraentes nos rodeia — também são da equipe do meu marido.

Depois que William me apresenta a Joaquin, Harry e Urminder, este último comenta:

— Mas então: hoje eu estava fazendo uma pesquisa narcisística na internet.

— Assim como ontem — diz Joaquin.

— E anteontem — rebate Kelly.

— Posso continuar? — pergunta Urminder.

— Deixe que eu adivinhe — diz Harry. — 1.234.589 resultados.

— Babaca — diz Urminder.

— Belo modo de roubar a cena dele, Har — diz Kelly.

— Agora 5.881 parece patético — resmungo Urminder.

— 10.263 definitivamente não parece patético — diz Harry.

— Ou 20.534 — acrescenta Kelly.

— Vocês estão mentindo — interrompe Joaquin.

— Não fique com inveja, Sr. 1.031 — diz Kelly. — É feio.

— 50.287 — informa William, calando a boca de todo mundo.

— *Caramba* — exclama Urminder.

— Isso é porque você ganhou aquele Clio — diz Harry. — Faz quanto tempo isso, chefe? Mil novecentos e oitenta...?

— Continue, Harry, que eu tiro você dos semicondutores e o ponho em higiene feminina — ameaça William.

Não consigo disfarçar minha expressão de espanto. Eles estão competindo para ver quantos resultados seus nomes geram no Google. E estão todos na casa do milhar?

— Vejam só o que vocês fizeram. Alice está apavorada — diz Kelly. — E não a censuro. Somos um bando de narcisistas mesquinhos.

— Não, não, não. Eu não estava julgando. Acho engraçado. Pesquisa narcisística. Todo mundo faz isso, não? Só que ninguém tem coragem de admitir.

— E quanto a você, Alice? Tem procurado seu nome no Google ultimamente? — pergunta Urminder.

William balança a cabeça.

— Alice não precisa disso. Ela não tem vida pública.

— É mesmo? E que tipo de vida eu tenho? — pergunto.

— Uma vida boa. Uma vida significativa. Só menor. — William belisca a pele entre os olhos. — Desculpe, pessoal, foi divertido, mas precisamos ir. Temos uma ponte para atravessar.

— Vocês precisam mesmo ir? — pergunta Kelly. — Eu quase nunca vejo Alice.

— Ele tem razão — digo. — Prometi às crianças que estaríamos de volta às dez. Dia de semana, sabe como é, amanhã tem escola.

Kelly e os três rapazes se encaminham para o bar.

— Uma vida menor? — digo.

— Eu não quis dizer nada com isso. Não seja tão sensível. — William examina a sala com o olhar. — Além do mais, eu tenho razão. Quando foi a última vez que você buscou o próprio nome no Google?

— Semana passada. Cento e vinte e oito resultados — minto.

— *Sério?*

— Por que está tão surpreso?

— Alice, por favor, não tenho tempo para isso. Ajude-me a encontrar Frank. Preciso falar com ele.

Suspiro.

— Ele está ali, perto das janelas. Venha.

William me detém pondo a mão no meu ombro.

— Espere. Já volto.

Não tem trânsito na ponte, e eu queria que tivesse. A volta para casa normalmente é um momento que eu adoro: a expectativa de vestir o meu pijama, me enroscar no sofá com o controle remoto, as crianças dormindo lá em

cima (ou fingindo dormir mas na verdade disparando mensagens de texto ou navegando na internet em suas respectivas camas) —, mas esta noite minha vontade é ficar no carro e simplesmente ir para algum lugar, qualquer lugar. Passei toda a noite me sentindo deslocada e não consigo me livrar da sensação de que William tem vergonha de mim.

— Por que está tão calada? Bebeu demais? — pergunta ele.

— Cansada — resmungo.

— Frank Potter é uma figura.

— Eu gosto dele.

— Você *gosta* do Frank Potter? Ele é um canastrão.

— Sim, mas é honesto. Não tenta esconder nada. E sempre foi simpático comigo.

William tamborila no volante ao ritmo do rádio. Fecho os olhos.

— Alice?

— O quê?

— Você tem andado esquisita ultimamente.

— Esquisita como?

— Não sei. Está passando por alguma crise da meia-idade?

— Não sei. *Você* está passando por alguma crise da meia-idade?

William nega com um aceno de cabeça e aumenta o volume da música. Encosto a cabeça na janela e observo os milhares de pontos de luz piscando nas colinas da East Bay. Oakland parece muito alegre, quase com um ar de festas de fim de ano — o que me faz pensar na minha mãe.

Minha mãe morreu dois dias antes do Natal. Eu tinha quinze anos. Ela saiu para buscar um galão de eggnog e foi atingida por um carro que avançou o sinal. Gosto de pensar que ela nem percebeu o que estava acontecendo. Houve um barulho de aço se chocando com aço, depois um som suave, como o de um rio correndo, e então uma luz sedosa inundou o carro. Esse foi o fim que imaginei para ela.

Já recitei a história da morte dela tantas vezes que os detalhes perderam o significado. Às vezes, quando me perguntam sobre minha mãe, sinto uma nostalgia estranha, não de todo desagradável. Consigo invocar vividamente as ruas de Brockton, Massachusetts, que naquele dia de dezembro deviam estar enfeitadas com guirlandas e luzes. Havia, provavelmente, filas e mais filas de gente na loja de bebidas, seus carrinhos lotados de caixas de cerveja e garrafas de vinho e o ar recendendo a agulhas de pinheiro das árvores de

Natal. Mas essa nostalgia pelo que havia imediatamente *antes* é logo vencida pelo opaco *depois*. Então minha cabeça é tomada pela trilha sonora de abertura de quinta categoria de *Magnum, P.I.* Era o que meu pai estava vendo na TV quando o telefone tocou e uma mulher do outro lado da linha nos informou delicadamente que acontecera um acidente.

Por que estou pensando nisso hoje à noite? Será, como William perguntou, uma dessas crises da meia-idade? O tempo certamente está passando. Neste mês de setembro, quando eu fizer quarenta e cinco anos, terei exatamente a idade da minha mãe quando ela morreu. Este é o meu ano crítico.

Até agora consegui me consolar com o fato de que, apesar de morta, minha mãe esteve sempre à minha frente. Eu ainda iria atravessar todos os limiares que ela havia atravessado, portanto ela continuava viva de alguma forma. Mas e quando eu a ultrapassar? Quando os limiares dela não existirem mais?

Olho de esguelha para William. Será que minha mãe o aprovaria? Será que aprovaria meus filhos, minha carreira — meu casamento?

— Quer parar no 7-Eleven? — pergunta William.

Passar no 7-Eleven para comprar uma barra de Kit-Kat depois de uma noitada é uma tradição nossa.

— Não. Comi muito.

— Obrigado por ter ido ao lançamento.

Será que esse é o jeito dele de pedir desculpas por ter sido tão ausente hoje à noite?

— Aham.

— Você se divertiu?

— Claro.

William faz uma pausa.

— Você não sabe mesmo mentir, Alice Buckle.